



CONFLITOS INTERNACIONAIS

Trump vai intensificar ações contra cartéis

Após ataques no Mar do Caribe e no Pacífico, presidente dos EUA anuncia que, “em breve”, terão início operações terrestres

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse, ontem, que iniciará, “muito em breve”, operações terrestres contra cartéis de narcotraficantes. Desde o mês passado, forças norte-americanas vêm atuando no Mar do Caribe contra embarcações suspeitas e, recentemente, passou a investir também no Pacífico. Trump, na conversa com jornalistas, não citou a Venezuela como alvo das ações, mas a reação de Caracas foi imediata. “No crazy war, please! (Não à guerra maluca, por favor!)”, disse, em inglês, o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, durante uma assembleia com sindicatos associados ao chavismo. “A Venezuela quer paz”, assinalou, diante do que considera uma ameaça de invasão militar por parte dos Estados Unidos.

Em agosto, Washington enviou oito contratorpedeiros, um submarino e barcos com eficácia das forças especiais para águas internacionais no Caribe. Em 2 de setembro, essa flotilha realizou o primeiro dos nove ataques contra embarcações e submersíveis, dois deles no Pacífico, nos quais mataram, pelo menos, 37 supostos traficantes de drogas.

Antes do destacamento de forças americanas no Caribe, Maduro tentou uma série de exercícios militares. O mais recente foi acionado na madrugada de ontem em 73 pontos da costa venezuelana.

O venezuelano também revelou que testou equipamentos adquiridos da Rússia e da China nessas manobras. “Obrigado presidente (Vladimir) Putin, obrigado Rússia, obrigado China e obrigado a muitos amigos no mundo, a Venezuela tem equipamento para garantir a paz”, disse.

Mais cedo, o ministro venezuelano da Defesa, Vladimir Padrino, afirmou que qualquer operação da CIA contra seu país “fracassará”. Recentemente, Donald Trump autorizou operações de inteligência contra alvos do chavismo. “Poderão inserir não sei quantas unidades designadas à CIA em operações encobertas a partir de qualquer flanco da nação e qualquer tentativa fracassará”.

Nas declarações na Casa Branca, Trump teve o cuidado de assinalar que as ações contra os cartéis não se tratam de uma declaração de guerra, o que, pela Constituição norte-americana, é de competência do Congresso. Para dissociar o cenário, o magnata republicano, inclusive, comunicou ao parlamento que o cenário é de “estado de conflito armado” com os narcoterroristas.



Não precisamos fazer uma declaração de guerra. Nós simplesmente vamos matar quem tentar trazer drogas ao nosso país”

Donald Trump,
presidente dos EUA

“Não precisamos fazer uma declaração de guerra. Nós simplesmente vamos matar quem tentar trazer drogas ao nosso país”, observou o presidente.

Colômbia

O magnata republicano também fez duras críticas à Colômbia e ao México, que, segundo ele, estariam sob controle do narcotráfico, e voltou a insultar o presidente colombiano, Gustavo Petro, chamando-o novamente de “meliante”.

Em Bogotá, o líder colombiano repudiou os ataques ordenados pelo norte-americano contra embarcações supostamente carregadas com drogas no Pacífico e no Caribe. “Nesse tipo de manobras, que nós pensamos que viola o direito internacional, os Estados Unidos (...) estão cometendo execuções extrajudiciais”, disse Petro, que pediu que os supostos traficantes sejam levados à justiça, e não assassinados. “Há um uso desproporcional da força que é punido pelo direito internacional humanitário”, insistiu.

Trump e Petro travam uma guerra retórica que sobe e desce de tom em meio à pior crise entre os dois países que por décadas tiveram uma das relações mais próximas na região. Durante uma entrevista coletiva, o primeiro presidente de esquerda da Colômbia se queixou das acusações de Trump, que o chamou de “líder narcotraficante”.

“O senhor Trump me caluniou e insultou a Colômbia”, disse Petro. “Não acho que estejamos vendo uma desescalada por parte do perturbado líder da Colômbia neste momento”, declarou a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt.

AFP



Advertência a Israel

O presidente Donald Trump advertiu, ontem, que Israel perderá o apoio dos Estados Unidos se anexar a Cisjordânia ocupada. O alerta foi feito depois que o Knesset, o parlamento israelense, decidiu analisar projetos de lei que abrem caminho para incorporação da área. “Não se preocupe com a Cisjordânia, Israel não fará nada”, disse Trump aos jornalistas da Casa Branca, quando foi questionado se estava preocupado com as votações.

Antes mesmo da votação, Trump foi enfático sobre o assunto, em declarações feitas à revista *Time*, em 15 de outubro. “Isso não vai acontecer. Não vai acontecer porque dei minha palavra aos países árabes. E eles não vão fazer isso agora”, afirmou o republicano, principal aliado de Israel.

Ontem, o secretário norte-americano de Estado, Marco Rubio, reuniu-se com Netanyahu, na sequência de uma visita do

vice de Trump, JD Vance, ao país. Ambos declararam sua oposição às propostas legislativas, em consonância com o presidente.

Para Marco Rubio, uma proposta de anexação da Cisjordânia ocupada representa uma ameaça ao frágil acordo de paz na Faixa de Gaza, acertado com a intermediação decisiva de Donald Trump. “Caso tenha se tratado de uma manobra política, foi uma manobra política muito estúpida, e eu, pessoalmente, considero isso um insulto”, reforçou JD Vance.

Os projetos de anexação são apoiados pela extrema direita israelense, da qual depende a coalizão do primeiro-ministro Netanyahu. Ontem, o gabinete do premiê qualificou o voto do Parlamento como uma “provocação deliberada da oposição”.

Vários países árabes e muçulmanos, entre eles a Arábia Saudita, condenaram, num comunicado conjunto, a análise pelo Knesset dos projetos de lei.

Putin: Rússia não cederá

Em conversa com jornalistas, o presidente Vladimir Putin disse, ontem, que a Rússia não se curvará à pressão dos Estados Unidos, que, na véspera, impôs sanções a duas grandes petrolíferas do país. “Nenhum país que se preze jamais faz algo sob pressão”, ressaltou o chefe do Kremlin, assinalando que haverá pouco impacto econômico ao país.

Foram as primeiras ações do presidente dos EUA, Donald Trump, sobre Moscou, numa forma de forçar uma negociação para o fim da guerra contra a Ucrânia. Também a União Europeia (UE) decidiu agir, com uma proibição gradual da importação de gás natural liquefeito russo.

Atingidas pelas sanções de Trump, as petrolíferas russas Rosneft e a Lukoil, juntas, são responsáveis por quase a metade das exportações de petróleo bruto do país. Ontem, no dia seguinte às medidas norte-americanas, os preços do produto operaram em

alta expressiva, de mais de 5%.

Às 9h20 GMT (6h20 de Brasília), o preço do barril de Brent do Mar do Norte, para entrega em dezembro, operava em alta de 5,05%, a US\$ 65,75. Seu equivalente norte-americano, o barril de West Texas Intermediate, para entrega no mesmo mês, avançou 5,18%, para US\$ 61,53. Na Ásia, o aumento foi de quase 3%.

Apesar das tensões, Putin se disse disposto a continuar o “diálogo” com Trump. “É sempre uma alternativa melhor ao confronto, às disputas e, principalmente, à guerra”, disse o líder russo, citado por agências de notícias russas.

Entretanto, ele ameaçou dar uma resposta contundente caso o território russo seja atacado com mísseis Tomahawk dos EUA, um tipo de arma que a Ucrânia solicitou a Washington. “Se esse tipo de armamento for usado para atacar o território russo, nossa resposta será contundente, para não dizer surpreendente”, alertou.

REAPROXIMAÇÃO HISTÓRICA

Charles III e Leão XIV rezam juntos no Vaticano

Uma cerimônia realizada, ontem, na Capela Sistina, marcou uma aproximação histórica entre as igrejas Católica e da Inglaterra. Em visita ao Vaticano, o rei Charles III foi recebido por Leão XIV e se tornou o primeiro monarca britânico a rezar publicamente com um papa desde o cisma anglicano, há quase cinco séculos.

Transmitida ao vivo, a cerimônia durou cerca de 30 minutos e combinou tradições das duas Igrejas. O papa Leão XIV e o arcebispo de York, Stephen Cottrell, presidiram a celebração sob os famosos afrescos de Michelangelo, na presença de prela dos católicos e anglicanos, assim como de líderes políticos e diplomatas.

O tema central da oração foi a proteção da natureza, um sinal da convergência entre as duas igrejas em questões ambientais. Durante o serviço religioso, os coros da Capela

Sistina e da Capela de São Jorge de Windsor performaram juntos.

Minutos antes, o papa Leão XIV recebeu o monarca de 76 anos, que atua como governador supremo da Igreja da Inglaterra, em uma audiência privada. Charles III, acompanhado de sua esposa Camilla, falou com o papa em inglês em um ambiente cordial e trocaram presentes, de acordo com imagens divulgadas pelo Vaticano.

À tarde, Charles III e Camilla participaram de outro evento religioso ecumênico na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, uma das quatro maiores de Roma. O rei recebeu oficialmente o título de “irmão real”, e um assento especial foi criado para ele. O trono permanecerá na basílica e, no futuro, poderá ser utilizado por seus sucessores.

A visita ocorre em um momento

AFP



O papa recebe o rei britânico: 491 anos desde o cisma anglicano

delicado para Charles III, em que seu irmão Andrew enfrenta novas e comprometedoras revelações no caso do criminoso sexual Jeffrey Epstein.

Ruptura

A religião anglicana nasceu em 1534, em uma cisão causada pelo rei Henrique VIII da Inglaterra, devido à recusa do papa em anular seu casamento com Catarina de Aragão.

Em 1961, a mãe de Charles III, Elizabeth II, tornou-se a primeira monarca britânica a visitar o Vaticano desde a ruptura entre católicos e anglicanos. “É um evento histórico”, disse William Gibson, professor de História Eclesiástica na Universidade Oxford Brookes, ao falar sobre a cerimônia de ontem à agência France Presse (AFP). Gibson observou que, por lei, o

soberano britânico é obrigado a ser protestante. “De 1536 a 1914, não houve relações diplomáticas oficiais entre o Reino Unido e a Santa Sé”, explicou o professor universitário. A embaixada britânica no Vaticano foi aberta há apenas 43 anos.

Em 2013, a lei foi levemente flexibilizada para permitir que membros da família real que se casassem com católicos mantivessem seu lugar na ordem de sucessão. Até então, se o fizessem, teriam que renunciar a qualquer aspiração ao trono.

Ao contrário da Igreja Católica romana, a Anglicana ordena mulheres e permite que padres se casem. Pela primeira vez em sua história, inclusive, acaba de nomear uma mulher como sua autoridade máxima: Sarah Mullally, de 63 anos, mãe de dois filhos, assumirá suas funções oficiais em janeiro de 2026.